

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VANESSA DO ROCIO MAJCZAK

**A EFICÁCIA DA APLICABILIDADE DO PNAIC EM CONJUNTO COM O SISTEMA
SEFE NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

CURITIBA

2015

VANESSA DO ROCIO MAJCZAK

**A EFICÁCIA DA APLICABILIDADE DO PNAIC EM CONJUNTO COM O SISTEMA
SEFE NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Artigo apresentado para obtenção do título de Especialista em Mídias integradas na Educação no Curso de Pós-Graduação em Mídias Integradas na Educação, Setor de Educação Profissional e Tecnológica, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Me. Noemia Hepp
Panke

CURITIBA

2015

**A Eficácia da Aplicabilidade do PNAIC em Conjunto com o Sistema SEFE no 1º
Ano do Ensino Fundamental**

MAJCZAK, VANESSA DO ROCIO

Curso de Especialização em Mídias Integradas na Educação, SEPT/UFPR

Polo UAB de Apoio Presencial em Paranaguá/PR

RESUMO: Este artigo apresenta um estudo sobre a aplicabilidade do PNAIC em conjunto com o Sistema SEFE no período de alfabetização, sua relação com a demanda do público escolar, contexto socioeconômico dos alunos e recursos disponibilizados pelo Governo Federal, bem como os resultados gerados pelo impacto do uso de mídias impressas e jogos no processo de alfabetização. Justifica-se pela necessidade de comprovar se há eficiência com o uso desses novos sistemas de ensino através do uso de mídias impressas e jogos didáticos. Os resultados estão tabulados neste documento.

Palavras-chave: Alfabetização. Mídias impressas. Jogos.

1 INTRODUÇÃO

O uso da nova metodologia sugerida pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), em conjunto com o material didático do Sistema Educacional Família e Escola (Sistema SEFE), bem como dos novos recursos em mídias impressas e jogos didáticos disponibilizados pelo governo federal, é o objeto de estudo deste artigo, no sentido de questionar se garantem a conclusão dos itens contemplados no referido programa de alfabetização até o final do primeiro ano das séries iniciais.

As mídias pesquisadas são os livros que fazem parte do Sistema SEFE para o 1º ano do Ensino Fundamental, livros de literatura e jogos provenientes do PNAIC, e os recursos oferecidos on-line no Portal “Cidade Educação”, que também pertencem ao Sistema SEFE, constituindo, portanto, a integração de mídias escritas e digitais.

O conteúdo abordado em Língua Portuguesa é o processo da aquisição da leitura e escrita do sistema alfabético, bem como da apropriação da capacidade de interpretar e utilizar adequadamente seus recursos, de acordo com a faixa etária pesquisada.

A pesquisa realiza-se na Escola Municipal “Edinéa Garcia”, em Paranaguá - PR, com alunos entre 5 e 9 anos, do 1º ano do Ensino Fundamental, em início do processo de alfabetização. Iniciou-se o trabalho prático em sala em fevereiro de 2014, finalizado em novembro/2014.

No campo teórico, de acordo com Russo (2012, p.9), “a criança não está sendo alfabetizada por alguém, mas, sim, alfabetizando-se ao interagir com o meio e com as pessoas que a cercam”. Nesse sentido, surgem programas como o PNAIC e o Sistema SEFE, com o intuito de dotar o aluno da capacidade não só de ler e escrever, como também compreender seu contexto e interpretá-lo corretamente, construindo seu saber, correlacionando com o meio social em que vive.

Conforme o PNAIC (2012), “aos oito anos de idade, as crianças precisam ter a compreensão do funcionamento do sistema de escrita [...] para o bom exercício da cidadania” sendo o papel do alfabetizador fundamental nesse processo. O Sistema SEFE propõe trabalhar de maneira interdisciplinar, além de elencar esforços para integrar família e escola.

Sob as perspectivas prática e pessoal, a pesquisa justifica-se pela necessidade de analisar as propostas e atestar sua eficácia como ferramentas auxiliares do professor no processo de alfabetização.

O objetivo deste estudo é avaliar a eficiência do PNAIC em conjunto com o Sistema SEFE no processo de alfabetização, no 1º ano do Ensino Fundamental.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM A IDADE E FASES DE APRENDIZADO

O processo de alfabetização é considerado amplo e complexo. De acordo com Ferreiro (1996, p.24), “O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças”. O processo de alfabetização é, sobretudo, um meio de provocar transformações no ser humano e em sua capacidade de exercer interferências no meio em que vive através do exercício da cidadania. Não obstante, é um processo que ocorre durante toda a vida, não se encerra com o fim do período escolar.

De acordo com o neurocientista Izquierdo (2012) “com 3 anos a criança já tem condições de dominar e usar a linguagem. Aos 6, já pode estar alfabetizada”.

Analisando as vertentes dessa possibilidade surgiu o PNAIC – Programa Nacional da Alfabetização na Idade Certa, respaldado pela meta 5 prevista no PNE - Plano Nacional de Educação (2010, p. 7). O objetivo é concluir o processo de alfabetização aos 8 anos de idade, cuja meta é atingir 100% das crianças em idade escolar, assunto que causa controvérsias no meio educacional.

Em estudo solicitado pela Câmara dos Deputados (2013) resultou que, “de acordo com o Censo Demográfico 2010, 15% dos brasileiros aos oito anos de idade são analfabetos”.

A autora Gomes (2013, p. 4) afirma que “a alfabetização precária de crianças é apontada por vários especialistas como uma das questões cruciais a serem enfrentadas para melhorar a qualidade da educação”. Sabe-se que o déficit da aprendizagem nas séries iniciais tende a se agravar progressivamente, de forma que o aluno, vítima dessa defasagem, percebe seus reflexos quando há necessidade de mostrar seu conhecimento, em vestibulares, concursos ou para

conquistar uma vaga no mercado de trabalho. Além disso, tem dificuldades para promover transformações em seu contexto sócio-econômico, abrindo mão de exercer seu papel como cidadão autônomo e pró-ativo.

De acordo com o referido documento (PNAIC, 2013, p.5),

[...] o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) foi instituído pelo Ministério da Educação por meio da Portaria nº 867, de 4 de julho de 2012. Ao final deste mesmo ano, o governo enviou ao Congresso Nacional a Medida Provisória nº 586, de 8 de novembro de 2012.

O pacto contempla investimentos no campo educacional em várias vertentes: formação continuada para professores; gestão mobilizada em prol da alfabetização, tendo-a como prioridade; mecanismos de avaliação acerca da eficácia do programa e materiais pedagógicos como livros didáticos, jogos, TV escola e portais voltados para a educação, que são recursos oferecidos aos envolvidos no processo de alfabetização.

Para auxiliar as crianças nesse processo a Secretaria de Educação local aderiu ao Sistema SEFE (2013), idealizando “uma forma de envolvimento dos familiares dos alunos no processo educacional ao propor ações, em parceria, entre família e escola”.

Tanto o PNAIC quanto o Sistema SEFE oferecem como recursos midiáticos livros didáticos, livros de literatura e jogos pedagógicos. De acordo com Piaget *apud* Kamii e Devrie,(1991), “o confronto de diferentes pontos de vista, essencial ao desenvolvimento do pensamento lógico, está sempre presente no jogo, o que torna essa situação particularmente rica para estimular a vida social e a atividade construtiva do indivíduo”. Os livros didáticos, estruturados atualmente dentro do novo modelo de ensino interacionista-construtivista, surgem para compor um ensino que propicie, em conjunto com os jogos, não somente a alfabetização do educando, como sua capacidade de ler e interpretar o mundo, bem como utilizar apropriadamente os recursos pedagógicos, de maneira a tornar-se também letrado.

Em seu livro “Alfabetização: um processo em construção”, Russo (2012, p.32) lembra os níveis de alfabetização definidos por Emília Ferreiro e Ana Teberosky em “Psicogênese da língua escrita”, definidos em cinco níveis:

- Nível 1: Hipótese pré-silábica.
- Nível 2: Intermediário I ou silábica sem valor sonoro.

- Nível 3: Hipótese silábica com valor sonoro.
- Nível 4: Hipótese silábico-alfabética.
- Nível 5: Hipótese alfabética.

O PNAIC orienta sobre a necessidade de observar individualmente os níveis de alfabetização para realizar intervenções, justificando o papel do professor como mediador de conhecimento, orientando práticas envolvendo sequências didáticas e jogos para desenvolver o potencial de cada um. Orienta também sobre um sistema de Inclusão, Aprofundamento e Consolidação de conteúdos distribuídos de acordo com o ano/idade dos alunos, sendo que todos os itens contemplados pelo Programa precisam estar consolidados até o final do 3º ano de Alfabetização.

2.2 APLICABILIDADE DAS MÍDIAS NO CONTEXTO ESCOLAR COMO FERRAMENTAS DE ALFABETIZAÇÃO

As atividades desenvolvidas em sala de aula contemplam o uso de livro didático consumível oferecido pelo Sistema SEFE e distribuídos semestralmente, em conjunto com atividades de tarefa de casa aplicadas nos alunos semanalmente. Ainda, o uso de encartes em forma de cartazes expostos em sala de aula com o alfabeto e textos apresentados no livro, expondo diversos gêneros textuais no intuito de estimular os alunos a adquirir habilidades de leitura e escrita, além de contribuir para formar o ambiente alfabetizador em conjunto com produções iconográficas e escritas, tão importantes para o processo de aprendizagem.

As mídias impressas do Sistema SEFE estimulam os alunos a construir seu conhecimento trabalhando o alfabeto globalmente, trazendo uma nova proposta didática interdisciplinar. O Portal Cidade Educação oferece ao professor sugestões de abordagem dos temas dos livros e material complementar como vídeos e áudios que podem ser agregados às aulas.

Em conjunto com os materiais do Sistema SEFE, utiliza-se em sala de aula, o livro de Língua Portuguesa Ápis e o livro de Alfabetização Matemática do Projeto Buriti, também consumíveis, escolhidos de acordo com o sistema de ensino estimulado pelo PNAIC.

Outros recursos utilizados são os jogos didáticos oferecidos pelo PNAIC, como bingo dos sons iniciais, troca letras e palavra dentro da palavra que são os

jogos escolhidos para complementar as atividades desenvolvidas através das mídias impressas.

Os materiais e recursos do Sistema SEFE e PNAIC dialogam no sentido de trazer uma proposta de ensino inovadora para que o processo de alfabetização esteja concluído ao final do 3º ano do Ensino Fundamental. O professor conta ainda com uma ficha de acompanhamento oferecida pelo PNAIC para analisar a evolução individual e diagnosticar em que nível do processo de alfabetização encontram-se para tecer intervenções. Da mesma forma, disponibiliza uma tabela com os itens de Inclusão, Aprofundamento e Consolidação dos conteúdos que precisam ser absorvidos no 1º ano para habilitar o aluno a continuar com sucesso seu processo de alfabetização na série subsequente. Uma vez considerado dentro do processo de alfabetização e alcançando habilidades mínimas tabuladas em cada ano, o aluno é considerado apto à promoção para o próximo ano, ainda que não esteja dominando autonomamente os processos de leitura e escrita.

3 METODOLOGIA

A pesquisa teve caráter exploratório, teórico e aplicado. Quanto aos objetivos teve cunho descritivo, com abordagem quantitativa, com estudos transversais.

Os instrumentos utilizados na aplicação da pesquisa foram comparativos entre a progressão do processo de alfabetização e um questionário sobre realidade cultural e socioeconômica dos alunos.

Os participantes da pesquisa foram 30 alunos com faixa etária entre 5 e 9 anos, de ambos os sexos, do 1ª ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal “Edinéa Garcia”, em Paranaguá, PR, bem como as famílias envolvidas no processo de alfabetização.

O cronograma da pesquisa contemplou as seguintes atividades: análise dos conhecimentos linguísticos dos alunos, tabulados nos meses de fevereiro, junho, setembro e novembro de 2014, com a finalidade de comparar e analisar o processo de alfabetização (Anexos 1, 2 e 3); questionário sobre o contexto socioeconômico aplicado no mês de junho com a família dos alunos (Apêndice 1); observação diária das atividades desenvolvidas com livros didáticos, jogos pedagógicos e anotações

pertinentes à pesquisa; encerramento das atividades em novembro de 2014, para tabulação, análise, conclusão e elaboração do artigo.

Para analisar seus conhecimentos linguísticos, os alunos foram orientados a escrever em ficha individual própria para essa finalidade (Anexo 1) quatro palavras pertencentes a um mesmo tema com sílabas diferentes – nessa ordem: polissílaba, trissílaba, dissílaba, monossílaba e em seguida, uma frase utilizando uma dessas palavras, todas ditadas pelo professor, sem intervenção na escrita. Após a conclusão dessa atividade cada aluno leu a frase para que o professor pudesse perceber se a havia compreendido e transcrito a seu modo. Em seguida, procedeu a classificação do seu nível de aprendizagem (Anexo 2), tabulando os dados em ficha apropriada para essa finalidade (Anexo 3).

Para as atividades com os livros consumíveis, o professor contou com o apoio do “Livro do Professor”, seguindo as sugestões das aplicações das atividades – incluindo outras de Educação Física e Arte, indicadas em livros extras que acompanham o *kit* do professor. Utilizou encartes com os textos em tamanho ampliado para fixar no mural da sala deixando em exposição para exploração dos alunos nos horários livres, contribuindo para a formação do ambiente alfabetizador. Os livros da “Coleção Ápis” foram usados para fixar conteúdos trabalhados anteriormente.

Outro material utilizado foi o livro “Caminhos Musicais”, em conjunto com CD de apoio incluindo cantigas e sons variados, com o intuito de ampliar os recursos auditivos, vocais, sensitivos e perceptivos dos alunos.

Sobre a aplicação dos jogos didáticos como recurso de apoio, inicialmente, eles foram aplicados coletivamente pelo professor, com o auxílio de todos os alunos da sala na confecção e apontamento das respostas. No segundo semestre, com os alunos integrados no contexto escolar e nos sistemas trabalhados, os jogos foram divididos em grupos de 2 ou 4 membros, com formações variadas: em alguns momentos com todos os membros em mesmo nível de alfabetização, em outros, em grupos mistos para que um aluno pudesse levar seu conhecimento ao outro.

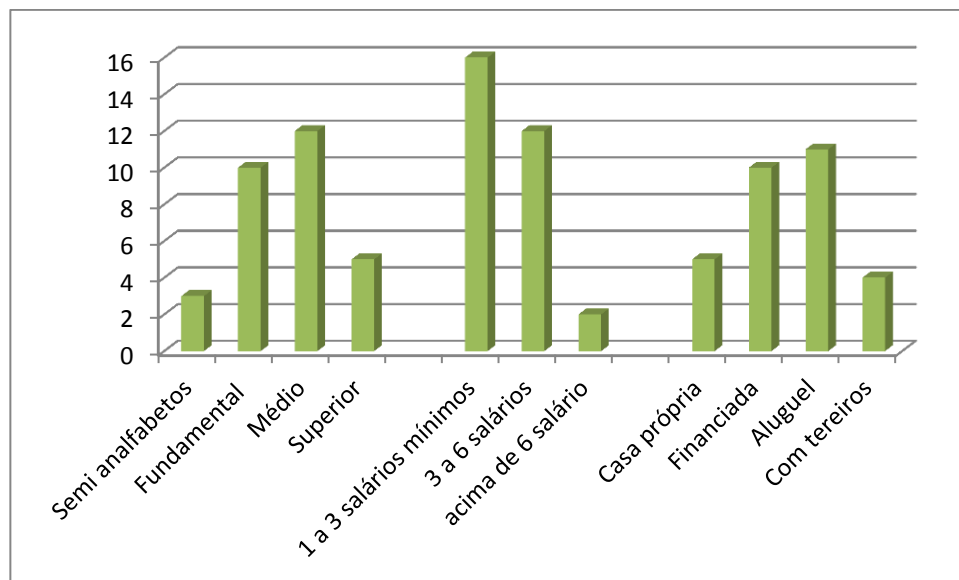
Outro recurso midiático impresso bastante utilizado nas aulas foi a leitura de livros de literatura oferecidos pelo PNAIC. Em sala de aula, a professora realizava leituras diárias de um livro de literatura, em algumas vezes, escolhidos de acordo com a temática trabalhada no dia como recurso complementar e em outras, somente como forma de conhecimento e entretenimento. Adotou-se também a “Sacola

Viajante”, quando dois alunos levavam para casa livros para ler e envolver seus pais no processo de aprendizagem – de acordo com o nível de conhecimento – e em seguida, produziam um desenho sobre o que compreenderam ou mais gostaram

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

O estudo socioeconômico foi realizado no mês de junho de 2014 através de um questionário enviado à família dos alunos e traçou um perfil dos pais e responsáveis pelas crianças. O gráfico mostra os resultados:

GRÁFICO 1 - Estudo socioeconômico com as famílias dos alfabetizandos



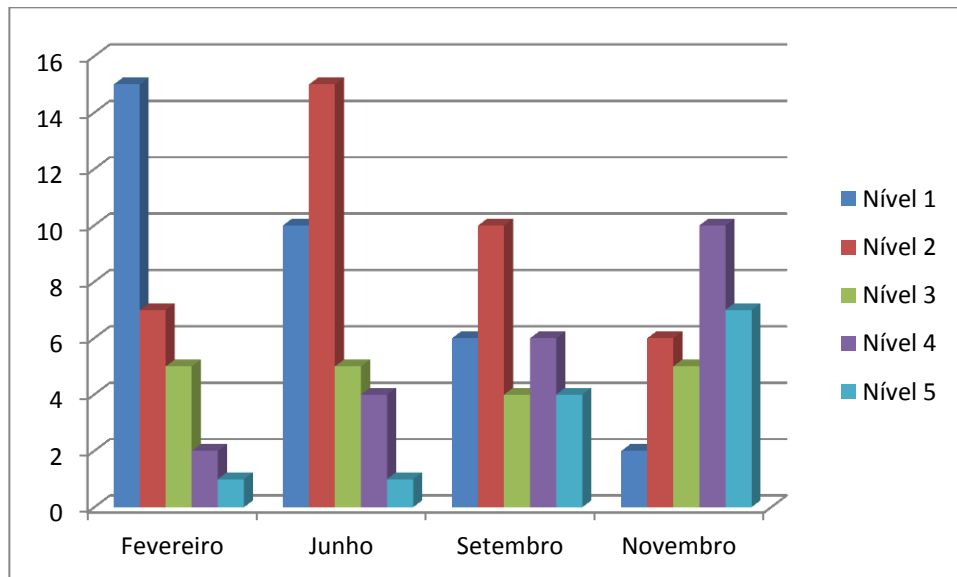
FONTE: O autor (2014)

A necessidade de compreender o contexto socioeconômico surgiu para relacionar o quanto pode interferir na vida escolar do filho. Percebeu-se que as crianças com responsáveis semianalfabetos mostraram resultados diferentes: uma finalizou o ano no nível pré-silábico II, e a outra concluiu o ano praticamente alfabetizada, dentro do nível alfabético. Os alunos com pais com Ensino Superior apresentaram maior capacidade de organização e realização das tarefas de casa. A participação em reuniões e tarefas escolares aconteceu com alunos de todos os níveis socioeconômicos, alcançando uma porcentagem de 80% de acompanhamento.

Uma tabela oferecida pelo PNAIC para acompanhamento da evolução do nível de alfabetização do aluno foi utilizada para analisá-lo no processo de ensino-

aprendizagem. A tabulação dos dados foi realizada em fevereiro, junho, setembro e novembro e os resultados seguem abaixo:

GRÁFICO 2 – Acompanhamento dos níveis de alfabetização dos alunos



Fonte: O autor (2014)

O gráfico mostra que houve evolução de grande parte dos alunos observados. Inicialmente contava-se com grande quantidade de alunos no nível 1, em hipótese pré-silábica, e somente um aluno, que havia frequentado o pré-escolar, encontrava-se em nível alfabético – embora não haja a obrigatoriedade de alfabetização no pré-escolar. Em junho, percebeu-se uma significativa evolução, com grande parte dos alunos avançando para o nível 2, Intermediário I, e para o nível 3, silábico. Os meses de setembro e novembro mostraram grande parte da turma se concentrando entre os níveis 3, 4 e 5.

Uma vez entrando no processo de alfabetização e dominando os conteúdos contemplados como Inclusão, Aprofundamento e Conclusão, previstos para o 1º ano, de acordo com o PNAIC, o aluno estaria apto para ser promovido. Somente duas alunas ficaram retidas no 1º ano por não apresentarem a evolução desejada nos níveis de alfabetização nem domínio sobre os conteúdos mínimos necessários para o acompanhamento do 2º ano. Uma ficou nessa situação por negligência familiar – excesso de faltas, ausência de acompanhamento nas tarefas de casa e recusa da família em aderir a recursos, como reuniões com a equipe pedagógica e apoio escolar no contra-turno – e outra, por apresentar déficit de aprendizagem, encaminhada para tratamento e acompanhamento especializados.

Inicialmente, a utilização das apostilas do Sistema SEFE apresentou dificuldades porque grande parte dos alunos dessa turma nunca havia frequentado o âmbito escolar. Admitiu-se nas primeiras semanas que os alunos desenvolvessem suas hipóteses de escritas, utilizando desenhos e garatujas como representações alfabéticas. A princípio trabalharam-se também noções de espaço, cores e formas, para que os alunos pudessem localizar informações e espaços reservados para as atividades adequadamente.

À medida que o ensino avançou, percebeu-se a evolução, tanto no uso do material quanto na apropriação da linguagem alfabética, falada e escrita. Os encartes produziram grande interesse dos pequenos, tanto os cartazes como os jogos e atividades complementares, sendo de grande valia no processo educacional. O Sistema SEFE oferece trabalhos com sequências didáticas interdisciplinares, modelo sugerido pelo PNAIC, e essa unidade na proposta, mostrou-se adequada e produtiva.

Como recurso complementar, os jogos didáticos oferecidos pelo PNAIC foram utilizados de acordo com a temática trabalhada nas apostilas. Percebeu-se maior evolução e produtividade nos grupos onde todos apresentavam nível próximo de alfabetização, pois, no outro caso, em geral, aqueles que apresentavam nível de alfabetização mais avançada trabalhavam sozinhos enquanto os outros somente observavam, mesmo com intervenção do professor no intuito de fazer com que todos participassem.

Os jogos proporcionaram momentos de descontração e trocas produtivas, uma vez que os alunos interagem ativamente especialmente, nos momentos em que a professora conduzia a turma toda em jogos coletivos. Nessa situação, os alunos pareciam se sentir mais à vontade para expor suas ideias e hipóteses acerca da construção da Língua Portuguesa. Especialmente eficaz, o jogo “Troca letras”, onde o aluno pôde perceber que letras iguais podem formar novas palavras e ganhar novo sentido, trocando somente uma das letras. Outro jogo que despertou a curiosidade dos alunos foi o jogo “Palavra dentro da palavra”, quando perceberam a diversidade de combinações fonéticas e relações sílaba/palavra, e mobilidade das sílabas na formação de novas palavras.

Os livros de literatura constituíram momentos agradáveis, quando os alunos se manifestaram oralmente, realizaram leituras explícitas e implícitas e desenvolveram compreensão e interpretação acerca de conceitos morais e éticos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa surgiu da necessidade que se percebeu em atestar se a nova metodologia de ensino proposta pelo Sistema SEFE e pelo PNAIC atenderia ao propósito do Pacto pela Alfabetização na Idade Certa. É relevante para os alunos por impactar em toda sua vida escolar, e para a comunidade escolar por precisar se adequar aos novos modelos de ensino para que juntos todos caminhem em direção a um ensino de maior qualidade.

O sistema baseado nos níveis de alfabetização, identificados por Emília Ferreiro mostrou-se eficaz no sentido de que, ao contrário do ensino considerado como tradicional – acompanhando letra por letra individualmente, de acordo com a ordem alfabética - trabalha todas as letras globalmente, independente do nível em que o aluno está, proporcionando riqueza de possibilidades de aprendizagem, construção de conhecimento e leitura de mundo.

Sente-se como problemática, a recusa de alguns professores em aderir ao novo sistema e material proposto, podendo desencadear futuros entraves na evolução do processo de aprendizagem, causando conflito nos alunos por não estarem habilitados ao sistema de ensino.

Outro ponto questionável é o despreparo de alguns tutores do PNAIC, repassando que o aluno pode ser promovido mesmo que não tenha evoluído nos níveis de aprendizado. É preciso que o aluno domine os conteúdos mínimos previstos para serem consolidados no 1º ano para ter condições de acompanhar e avançar em seu nível de aprendizagem nos anos subsequentes, caso contrário, o impacto deficitário terá seus desdobramentos por toda a vida escolar.

Percebeu-se também que a maturidade da criança influencia bastante em seu aprendizado, grande parte dos alunos avançaram significativamente ao final do primeiro semestre, e mesmo aqueles que apresentaram traços de nível de maturidade um pouco mais atrasado em relação aos demais conseguiram avançar com a metodologia proposta e não somente em relação à leitura e escrita, como também em sua capacidade de expressão oral e interpretação do mundo.

As mídias constituíram subsídios importantes no processo de ensino aprendizagem durante todo do ano. As mídias impressas consumíveis para realização de atividades dinamizaram a etapa prática de leitura oral e sistematização escrita. Já os encartes com textos despertaram a curiosidade e compreensão das

relações fonema/letra e como ocorre a formação de palavras, frases e histórias. Também abarcaram o desenvolvimento das primeiras noções sobre quais são os gêneros textuais e qual a função de cada um, além de instigar os alunos a buscar realizar o exercício da leitura. Os encartes com atividades lúdicas e os jogos didáticos, por sua vez, propiciaram momentos de aprendizagem lúdica, fundamental para tornar o processo de aprendizagem prazeroso especialmente nessa fase. Por fim, o Portal Educação foi útil para orientar o professor com ideias sobre como conduzir cada sequência didática.

Com 93% de aprovação da turma, embora não tenha atingido a meta de 100% prevista pelo programa Federal, conclui-se que o Sistema SEFE e o PNAIC, trabalhados em conjunto, são eficientes e oferecem mídias que atendem à necessidade do aluno, cumprindo a função de desenvolver suas competências globalmente.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, E. A representação da linguagem e o processo da alfabetização. **Fundação Carlos Chagas.** Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/679.pdf>. Acesso em: 14/09/2014.

GOMES, A. V. A., A alfabetização na idade certa: garantir a aprendizagem no início do ensino fundamental. **Portal de Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados.** Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/estnottec/tema11/cp13004.pdf>. Acesso em: 15 e 16/10/2014.

IZQUIERDO, I. MEC quer alfabetizar aos 8 anos; especialistas, aos 6. In: **Portal Veja.** Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/mec-quer-alfabetizar-aos-8-anos-especialistas-aos-6>. Acesso em: 15/10/2014.

PNAIC, **Programa Nacional de Alfabetização Básica.** Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/index.php>. Acesso em: 15/08/2014.

PNE, **Plano Nacional de Educação.** Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/comunicacao/institucional/plano-nacional-de-educacao-1>, página 7. Acesso em: 15/10/2014.

PORTAL SEFE. Disponível em: <http://sefesistema.com.br/>. Acesso em: 31/08/2014.

RUSSO, M.F. **Alfabetização – um processo em construção.** São Paulo, SP:

Saraiva, 2012.

APÊNDICE 1
QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO:

- a) Qual é seu grau de escolaridade?
- Analfabeto.
 - Sabe ler e escrever.
 - Cursou o Ensino Fundamental.
 - Cursou o Ensino Médio.
 - Cursou o Ensino Superior.
- b) Qual é a renda total familiar? (1 salário = R\$ 724,00)
- De 1 a 3 salários mínimos.
 - De 3 a 6 salários mínimos.
 - Acima de 6 salários mínimos.
- c) Como é o tipo de moradia onde vive?
- Casa própria.
 - Casa financiada.
 - Casa alugada
 - Mora com outras pessoas.
- d) Você acompanha as atividades dos seus filhos em casa?
- Sim.
 - Às vezes.
 - Não.
- e) Com que frequência acompanha as atividades?
- Todos os dias.
 - Até 3 vezes por semana.
 - Não acompanho, pois trabalho fora e não tenho tempo.

ANEXO 1
FICHA PARA COLETAR DADOS SOBRE NÍVEIS DE ALFABETIZAÇÃO:

ESCOLA
PARANAGUÁ, _____ DE _____ DE 2013.
PROFESSOR (A):
ALUNO (A):
<u>DIAGNÓSTICO DE ESCRITA</u>
1.
2.
3.
4.
<u>FRASE:</u>

ANEXO 2
ORIENTAÇÕES SOBRE COMO IDENTIFICAR OS NÍVEIS DE ALFABETIZAÇÃO

Oi professor, oi professora!

Para acompanhar os níveis de escrita dos alunos que estão em processo de alfabetização é necessário fazer um diagnóstico mensal, assim você todos os meses poderá acompanhar a evolução de seus alunos, detectar as crianças com dificuldade e intervir a tempo, criando novos espaços, como o reforço escolar, ou simplesmente mudando a forma de intervenção didática na sala de aula, com atividades e agrupamentos previamente bem pensados e organizados com o objetivo de favorecer a reflexão das crianças em torno do nosso sistema de escrita.

Mesmo antes de saber ler e escrever convencionalmente, a criança elabora hipóteses sobre o sistema de escrita. Descobrir em qual nível cada uma está é um

importante passo para os professores alfabetizadores levarem todas as crianças a aprender. Bom trabalho!

COMO PROCEDER:

Lista bem feita

- Conversar com os alunos explicando a atividade que farão – dar uma orientação clara, que contextualize a atividade de escrita da lista e da frase. Lembre-se de que as crianças se empenham em realizar a tarefa da melhor maneira possível quando a mesma faz sentido para elas. Não precisa dizer que estarão fazendo um diagnóstico. Na verdade, é preciso ter clareza de que QUEM está fazendo o diagnóstico é o PROFESSOR.
- Organizar a atividade em papel ofício (conforme o modelo):
- Pedir que escrevam o nome no cabeçalho (se não o fizerem de forma legível, escrever ao lado quando recolher a tarefa);
- Explicar que devem escrever da forma como sabem, da melhor forma, sem medo de errar;
- Ditar as palavras uma a uma sem silabar (pode repetir várias vezes);
- Não mudar as palavras e seguir a ordem indicada (O ditado deve ser iniciado por uma palavra polissílaba, seguida de uma trissílaba, de uma dissílaba e, por último, de uma monossílaba).
- Após a lista, é preciso ditar uma frase que envolva pelo menos uma das palavras já mencionadas, para poder observar se o aluno volta a escrevê-la de forma semelhante, ou seja, se a escrita da palavra permanece estável mesmo num contexto diferente.
- Por exemplo: A escola está passando por uma reforma, aproveitando a curiosidade das crianças, o professor resolveu trabalhar com uma lista de objetos usados na obra do prédio. As palavras ditadas foram: ferramenta, martelo, ferro e pá. E a frase escolhida foi: Usei a pá na reforma.

OBERSVAÇÕES:

1- Solicitar de cada aluno (a) a leitura das palavras ditadas pedindo que marque com o lápis ou o dedo a leitura. É importante ter claro que a leitura nessa situação é um procedimento indispensável para ajudar o professor a interpretar a hipótese de escrita do aluno. Sendo assim, é preciso garantir que o aluno leia. Se for necessário, caso o aluno esqueça qual palavra escreveu ou diga outra que não tem nada a ver, repetir para ele a palavra que foi ditada. É preciso também, cuidar da forma como esse pedido é feito, para não induzir a forma como o aluno lê, causando equívocos

posteriores na hora da interpretação. Por exemplo, NÃO pedir ao aluno: "Leia para mim apontando cada pedacinho", ou "Leia me mostrando onde está CA – NE – TA". Pedir simplesmente: " Leia para mim o que você escreveu, apontando onde você está lendo". No caso das escritas em que a hipótese é completamente visível, como, por exemplo, as silábico-alfabéticas e alfabéticas, o pedido de leitura pode ser dispensado.

2 – Ter em mãos um instrumento para registrar as informações sobre como o aluno realizou a leitura, o que falou e outras informações que considerar importante para interpretar posteriormente a escrita da criança e apoiar o planejamento das situações de ensino.

3 - Planejar uma atividade para que os demais alunos da turma possam realizar com autonomia, enquanto estiver solicitando a leitura individual com cada aluno;

4 - Recolher as folhas para posterior tabulação.

É fundamental que o professor faça um arquivo das produções mais significativas dos alunos no decorrer do ano, pois isso dará oportunidade a ele – e também ao próprio aluno – de conhecer seu processo de evolução.

Hipóteses de Escrita (Emília Ferreiro e Ana Teberosky)

Pré-silábico

1. Escreve utilizando grafismos e outros símbolos para escrever (diferencia desenhos – que não podem ser lidos, de “escritos” – que podem ser lidos);
2. Utiliza letras para escrever;
3. Produz escritas diferenciadas (exigência de quantidade mínima de letras ou símbolos, com variação de caracteres dentro das palavras e entre as palavras);
4. A leitura que realiza do escrito é global, com o dedo deslizando por todo o registro escrito.

Silábico

1. Estabelece relação entre a fala e a escrita (para cada sílaba falada uma marca, mas o que se escreve ainda não tem correspondência com o som convencional daquela sílaba) utilizando grafismos e outros símbolos
2. Estabelece relação entre a fala e a escrita (para cada sílaba falada uma marca e o que se escreve ainda tem correspondência com o som convencional daquela sílaba, representada por vogal ou por consoante); A leitura é silabada.

Silábico-alfabético

1. Este nível marca a transição do aluno da hipótese silábica para a hipótese

alfabética.

2. Estabelece relação entre a fala e a escrita, ora ele escreve utilizando uma letra para cada sílaba, ora utilizando mais letras.

Alfabético

1. Nesta hipótese o aluno já compreendeu o sistema de escrita, entendendo que cada um dos caracteres da palavra corresponde a um valor sonoro menor do que a sílaba.
2. Produz escritas alfabéticas, mesmo não observando as convenções ortográficas da escrita; Produz escritas alfabéticas, observando algumas convenções ortográficas da escrita;
3. Produz escritas alfabéticas, sempre observando as convenções ortográficas da escrita.

ANEXO 3

FICHA PARA TABULAR OS DADOS COLETADOS E ACOMPANHAR EVOUÇÃO DOS ALUNOS

FICHA DE ANÁLISE DE APRENDIZAGEM DO ALUNO

ESCOLA: _____ LOCALIDADE: _____ SÉRIE/ANO: _____

Nº	ALUNOS	HIPÓTESES DA LÍNGUA ESCRITA				LEITURA									
		Sonda gem	1º bims.	2º bims.	3º bims.	4º bims.	1º BIM	2º BIM	3º BIM	4º BIM					
							N. L	S	F	N. L	S	F	N. L	S	F

HIPÓTESE	ANÁLISE COMPARATIVA POR BIMESTRE			
	1º BIM	2º BIM	3º BIM	4º BIM
Pré - silábicos				
Silábicos sem valor sonoro				
Silábicos com valor sonoro				
Silábico - alfabéticos				
Alfabéticos				

PRÉ-SILÁBICO:

LEGENDA		LEITURA
HIPÓTESES DA LÍNGUA ESCRITA		
P.S:	Pré - silábica	N. L
S. S. V. S:	Silábica sem valor sonoro	S:
S. C. V. S:	Silábica com valor sonoro	F:
S. A:	Silábico alfabético	Lê fluentemente
ALF:	Alfabética	